

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

**MARILENA KAIZER ROSSIGNOLI**

**PROVOCAÇÕES AUDIOVISUAIS DA COLETA SELETIVA EM UMA  
ASSOCIAÇÃO DE CATADORES EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA**

JUIZ DE FORA  
2018

**MARILENA KAIZER ROSSIGNOLI**

**PROVOCAÇÕES AUDIOVISUAIS DA COLETA SELETIVA EM UMA  
ASSOCIAÇÃO DE CATADORES EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA**

Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Orientador(a): Prof<sup>(a)</sup>. Dr<sup>(a)</sup>. Cristiano José Rodrigues

JUIZ DE FORA  
2018

**MARILENA KAIZER ROSSIGNOLI**

**PROVOCAÇÕES AUDIOVISUAIS DA COLETA SELETIVA EM UMA  
ASSOCIAÇÃO DE CATADORES EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO  
AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA**

Artigo apresentado como requisito parcial para aprovação no Curso de Especialização Mídias na Educação, da Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aprovada em:

**BANCA EXAMINADORA**

\_\_\_\_\_  
Prof(a). Dr(a). orientador(a) Cristiano José Rodrigues

\_\_\_\_\_  
Membro da banca

\_\_\_\_\_  
Membro da banca

# **PROVOCAÇÕES AUDIOVISUAIS DA COLETA SELETIVA EM UMA ASSOCIAÇÃO DE CATADORES EM PROL DE UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA**

Marilena Kaizer Rossignoli

## **RESUMO**

Este trabalho foi elaborado como requisito parcial para aprovação no curso de especialização em Mídias na Educação oferecido pela Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF a fim de estimular a utilização de recursos audiovisuais em prol de uma educação ambiental emancipatória. Desta forma, os recursos foram produzidos, editados e configurados tendo por base os conhecimentos adquiridos ao longo do curso. Acreditamos na potencialidade destes para provocar e sensibilizar a promoção de uma educação ambiental comprometida com mudanças de comportamentos no que diz respeito ao tema consumo consciente, reciclagem e destinação adequada de resíduos. A partir dos resultados obtidos da análise sobre a qualidade da coleta seletiva que chega a Associação de catadores do município de Juiz de Fora e outros problemas encontrados na pesquisa defendemos a necessidade inadiável de uma educação ambiental crítica nos espaços formais e não formais a fim de contribuir para a superação da visão naturalista e acrítica sobre o discurso da sustentabilidade que veicula pelos meios de informação, sendo a reciclagem um dos seus pilares, e ainda, mobilizar esforços para exigir frente ao poder público e sociedade civil iniciativas que garantem aos catadores associados condições dignas de trabalho.

**Palavras Chave:** Educação Ambiental; Mídias; Reciclagem; Sustentabilidade.

## **1. INTRODUÇÃO**

É urgente uma educação que busque o desenvolvimento do senso crítico e prepare o discente do século XXI para os desafios que se colocam em seu cotidiano. Dentre estes, destaca-se a crise ambiental que, através dos espaços de comunicação tem suas distorções e controvérsias sobre as questões ambientais acentuadas, o caráter conservador e naturalista tem assumido novos patamares e a problemática local geralmente é minimizada. Desta forma, é imprescindível que o poder público e as instituições a ele ligadas se empenhem na utilização das tecnologias de informação e comunicação a fim de permitir uma conscientização destes

recursos e promover a produção de materiais que possam trazer reais contribuições para a vida em sociedade.

A mídia tornou-se onipresente em nossas vidas, sabemos de tudo em todo lugar, a todo o momento. Estamos sendo bombardeados de informações que nos chegam por vários meios e, na maioria das vezes, estamos despreparados para julgá-las e, até mesmo, compreendê-las. Reproduzimos notícias e discursos sem ao menos avaliar sua intenção e apurar sua veracidade. E, é em meio a essa apatia que o discurso da sustentabilidade, apoiado em suas diversas facetas, dentre elas o processo de reciclagem, ganha espaço e força. Tendenciosos que somos em considerar apenas as nuances superficiais, esquecemos de analisar os detalhes e pormenorizar as consequências decorrentes deste discurso. Simplesmente, aceitamos e reproduzimos.

De acordo com Rossignoli (2016) o discurso oficial da sustentabilidade está ancorado no reducionismo econômico e no determinismo tecnológico e neste viés ele se distancia da ideia de que não há sustentabilidade se não houver incorporado, em seu discurso, a luta pela superação das desigualdades sociais e políticas, assim como a necessidade da predominância dos valores éticos de respeito à vida e à valorização das diferenças culturais. Na verdade, comungamos com Loureiro (2012), quando ele diz que o grande desafio é definir a finalidade da sustentabilidade e como realizá-la.

A reciclagem, portanto, desenha-se no atual cenário deste discurso hegemônico como um dos caminhos para a tão almejada sustentabilidade, suas contradições e controvérsias são camufladas pelos meios de comunicação. O processo de reciclagem, por sua vez, é fruto do desenvolvimento científico e tecnológico, e tem suas contribuições ambientais, mas também carrega consigo numerosas controvérsias, principalmente no que diz respeito aos aspectos sociais. Neste sentido, o desafio que se coloca a gestão ambiental e, também a educação, é justamente como promover a sustentabilidade da reciclagem considerando a tríade (ambiental, social e econômica), sem causar distorções ou favorecimentos.

No âmbito destas discussões que perduram por décadas, os organizadores do documento *“Educação na diversidade: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental”* (BRASIL, 2007) realizaram uma pesquisa a fim de investigar os projetos de Educação Ambiental desenvolvidos no âmbito escolar. Nessa pesquisa, os autores identificaram que os três temas mais abordados nos projetos de Educação Ambiental escolar são: água, lixo e reciclagem, poluição e saneamento básico. Constataram ainda, que é pelo tema do lixo que as ideias de reciclagem adentram pelos portões das escolas.

Ainda na visão de Rossignoli (2016, p. 38)

a questão do “lixo” geralmente é abordada e fundamentada por meio da Pedagogia ou Política dos 3 Rs (Reduzir, Reaproveitar e Reciclar). Porém, trata-se de um problema grave e bem mais complexo, que representa hoje um grande desafio para a sociedade moderna, principalmente para os órgãos públicos.

Guanabara, Gama e Eigenheer (2008) defendem que é preciso superar a maneira como a pedagogia dos 3Rs é concebida nas escolas, sendo esta, geralmente, reduzida a atividades de (re)aproveitamento e reciclagem. Nessas circunstâncias, ignora-se as outras dimensões da geração de resíduos e sua destinação, e principalmente, a potencialidade da pedagogia dos 3 Rs para mudanças de comportamento.

Assim sendo, este trabalho tem como objetivo geral romper com a abordagem naturalista e mecanicista com que o processo de reciclagem geralmente é trabalhado nas escolas, trazendo novas reflexões que possam despertar para a urgência de se trabalhar este tema a partir de uma visão mais humana e social, sob uma perspectiva mais crítica, que permita a emancipação do sujeito. Não só do estudante, como também do sujeito catador que pode e deve estar envolvido no processo de reconhecimento da sua profissão e exigir do poder público e das instituições, a ele ligadas, iniciativas em prol da sua valorização enquanto sujeito social e trabalhador. Abordar o processo que envolve a reciclagem sob esta perspectiva provoca o despertar para a solidariedade, valor que hoje se encontra perdido em meio ao individualismo e ao egocentrismo.

Além disso, à medida que proporcionamos aos sujeitos a oportunidade de interagir com as mídias damos a eles condições de julgar as informações que são transmitidas por elas, condições de agir e reagir, de perceber a influência que estas exercem sobre suas vidas.

## **2. O REVELAR DO PROCESSO DE RECICLAGEM**

Este tema começou a se delinear quando me deparei com alguns incômodos na mudança de cidade, no período da graduação. São realidades completamente distintas! Na educação básica, na pequena Mar de Espanha, última década do século XX, as questões ambientais eram apresentadas a partir de uma perspectiva global e naturalista, como poluição ambiental, efeito estufa, buraco na camada de ozônio. Muito raramente se aprofundavam mais em assuntos como El Nino, queimadas, desmatamento, chuva ácida, extinção de espécies, entre outros. Ao vir para a cidade de Juiz de Fora, presenciei situações que não me eram

comuns em Mar de Espanha, e ao ingressar no curso superior na área de Ciências Humanas e Biológicas, algumas inquietações começaram a surgir.

Na graduação em Ciências Biológicas<sup>1</sup>, embora tenha encontrado vários caminhos interessantes, me encantei pelas trilhas da Ecologia. Aprofundei estudos e teorias, atuei como monitora e acabei finalizando a graduação com apresentação do trabalho de conclusão de curso na área de Educação Ambiental, buscando compreender percepções de discentes do 9º ano sobre problemas ambientais locais. Frijot Capra (2001), afirma que vivemos uma crise de percepção, de comportamento, uma crise de consciência. Algo que foi claramente percebido neste trabalho.

Neste mesmo período também cursei Geografia<sup>2</sup>, e foi neste momento que minhas inquietudes e angústias com a educação, com a realidade e com as questões ambientais foram assumindo novos contornos e dimensões, à luz do conhecimento das ciências humanas. Na procura por respostas, me deparei com novas questões ao participar do projeto de Treinamento Profissional, oferecido pela UFJF, na área de Ensino de Ciências. Com um viés interdisciplinar, o projeto tinha como pilar o enfoque Ciência, Tecnologia e Sociedade - CTS.

Todos os projetos tinham o mesmo objetivo afinal: intervir na realidade escolar a fim de provocar um questionamento sobre o desenvolvimento científico e tecnológico a partir de suas repercussões sociais. Este questionamento abarca as questões ambientais, e assim, se relaciona com a Educação Ambiental em sua perspectiva crítica, pois a partir de um processo dialógico desperta à reflexão e a percepção de um mundo em sua completude, conduzindo a uma reflexão, sensibilização e, portanto, mudança de comportamento.

Logo após a conclusão dos cursos, atuei (e ainda atuo) como Bióloga, no Departamento de Licenciamento Ambiental da Secretaria de Meio Ambiente, na Prefeitura de Juiz de Fora e, nesta experiência pude observar que, independente da posição em que nos encontramos, o mundo está em sincronia. Um discurso sendo pregado, uma legislação sendo cumprida, valores às avessas, uma hipocrisia total, que causa repugnação. E assim, aliando projetos e processos de licenciamento, o tema da reciclagem despontou na minha vida.

Foram com todas essas inquietações e inspirações que desenvolvi meu projeto de mestrado, e que pude notar que a Educação Ambiental desenvolvida nas escolas atrelada a reciclagem em nada tem contribuído para o meio ambiente, tampouco para a sustentabilidade

---

<sup>1</sup> Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

em sua faceta social. Entendo que as questões ambientais, por meio da Educação Ambiental, assumiu um novo caminhar desde a minha formação, porém ainda estamos estáticos, paralisados. Caminhamos a passos curtos e lentos.

### **3. TRAÇANDO CAMINHOS...**

Este trabalho foi realizado na Associação Municipal dos Catadores de Papel, Papelão, e Materiais Reaproveitáveis de Juiz de Fora – ASCAJUF, no bairro Santa Tereza. Temos hoje duas unidades da Associação, a ASCAJUF em que este trabalho foi realizado e uma no bairro São Damião, na antiga Usina de Triagem. Hoje a Associação conta com apenas um Estatuto para as duas sedes, sendo que estas não têm ligação. É preciso alterar o Estatuto das Associações. A ASCAJUF, no Santa Tereza conta hoje com cinco associados. De acordo com Portela, vice-presidente a um ano e meio, muitos catadores autônomos não têm interesse em se associar, preferindo vender seu material diretamente para os atravessadores. Isso se deve ao fato de que ao entregar o material coletado nas ruas aos atravessadores o pagamento é imediato, já na associação fica submetido ao estoque de material e venda aos atravessadores, geralmente quinzenal. E ainda há de considerar que muitos são coagidos por atravessadores, que não tem interesse em “perdê-los”, outros não se interessam em associar pelas condições estabelecidas.

A fim de incitar um olhar mais crítico para o discurso da sustentabilidade e conduzir a novas reflexões para a abordagem deste tema nas escolas foram elaborados recursos audiovisuais que pudessem trazer à tona algumas questões, principalmente no que concerne ao material que é despejado na Associação após a coleta seletiva em bairros e condomínios da cidade. É importante destacar a importância destes recursos no processo ensino aprendizagem, pois possuem grandes potencialidades para o desenvolvimento da criticidade e do reconhecimento do mundo enquanto construção social.

Juiz de Fora conta com três Associações, são elas: Associação Municipal de Catadores de Papéis e Resíduos Sólidos de Juiz de Fora – APARES, Associação Lixo Certo – ALICER e Associação Municipal dos Catadores de Papel, Papelão, e Materiais Reaproveitáveis de Juiz de Fora – ASCAJUF. A APARES localiza-se na região central da cidade de Juiz de Fora, porém a Coleta Seletiva não chega ao depósito porque não há um acordo entre os Associados para o recebimento desta. O pouco espaço do depósito inviabiliza o entrar e sair daqueles que coletam na rua, portanto não entram em consenso sobre o recebimento da coleta. Além disso, apresentam problemas organizacionais que também dificultam a comunicação e um acordo



entre eles. A Alicer tem sua sede instalada no bairro Jóquei Clube, o que inviabiliza meu deslocamento para pesquisa. E, por fim, a ASCAJUF, possui duas sedes: em São Damião, na Usina de Triagem e a do bairro Santa Tereza, que antigamente localizava-se no bairro Vitorino Braga em um depósito totalmente fora das normas estabelecidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas. Mas, mesmo nestas condições, recebia o material da coleta seletiva.

Em 2014, um projeto foi submetido ao Banco do Brasil para obter financiamento para construção do depósito para a ASCAJUF instalada no bairro Vitorino Braga, em um terreno da União no bairro Santa Tereza. Em 2015 o depósito foi inaugurado. Na época houve problemas com a autorização para construção entre a prefeitura e a vizinhança do entorno, o que ressalta para nós o preconceito existente na sociedade em relação a esses sujeitos, com seu trabalho. Ele é presente, ele existe e precisa ser superado.

Sendo assim, pela proximidade do meu trabalho optei pela ASCAJUF, no Santa Tereza, por não exigir muito de dispêndio de tempo com o deslocamento. A figura 1 retrata a fachada do depósito da Associação.



**Figura 1 - Fachada da Associação**

Em contato prévio com o Departamento Municipal de Limpeza Urbana – DEMLURB me entregaram uma planilha com a rota do caminhão e o convênio realizado entre este e a ASCAJUF, em 2008. Toda a coleta seletiva realizada pelo município é entregue a ASCAJUF, nas duas sedes. Foi informado pelo DEMLURB que atualmente 50% do município é atendida pela coleta seletiva. A coleta foi ampliada nos últimos meses, porém ainda não foi realizado mobilização pelos bairros novos e, portanto, o caminhão da coleta tem voltado praticamente

pela metade para Associação. Esses bairros novos não foram incluídos nestes cinquenta por cento, porque ainda não foi possível realizar mobilização.

Pelo convênio estabelecido, o Departamento se comprometeu a pagar as taxas de água, luz e telefone, a recolher o rejeito da Associação e entregar nestes locais todo o material de coleta seletiva recolhido no município. Porém, como há apenas um Estatuto, o pagamento das contas atende apenas a ASCAJUF instalada na Usina, em São Damião.

Durante este processo de coleta de informações e comunicados o caminhão da coleta teve problemas mecânicos e também se envolveu em acidente de trânsito, nestes dias ocorreu atraso no horário de recolhimento do material, mas ela foi executada normalmente pelo caminhão que atende a Usina.

Após este prévio levantamento foi definido os dias de imersão: 21 a 29 de junho de 2018. Como a pesquisa foi realizada em período de Copa do Mundo, alguns dias não foram possíveis estar na Associação. Assim sendo, os dias de imersão foram: 21, 25, 26, 28 e 29. O material chegou, mas os associados não estavam trabalhando. O caminhão da coleta seletiva chega a Associação no período de 10h00minh da manhã as 14h00minh da tarde. Há dias em que este, devido a rota, faz duas entregas. O caminhão conta com três profissionais do DEMLURB, dois coletores e o motorista.

#### **4. A CONTRIBUIÇÃO DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA UMA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EMANCIPATÓRIA**

Foram cinco dias de imersão e intenso trabalho de investigação e nestes dias encontrei com os cinco catadores, um deles ainda não associado. O terreno onde a Associação está instalada tem uma área de 800 m<sup>2</sup>, sendo 300 m<sup>2</sup> de área construída. Durante os dias que estive na Associação algumas circunstâncias apresentaram-se como importantes questões a serem trabalhadas e com potencialidades para problematização sobre o processo de reciclagem, suas consequências sociais e desmitificar o discurso de que a reciclagem é um dos caminhos para o desenvolvimento sustentável.

A realidade chega aos poucos, vagarosamente vamos nos apropriando do que é factual. E talvez ela nunca se revele por completo, mas com os dias é possível observar a dinâmica do lugar, como as relações acontecem, os problemas organizacionais, entre outras situações que se evidenciam entre um olhar e outro.

Ao chegar na Associação fui prontamente recebida por Werley, o Portela, hoje vice-presidente da Associação. Ele foi para ASCAJUF em 2014 ao pedir demissão da Oi. Se tornou associado um tempo depois, e a um ano e meio é Vice-Presidente.

Para a tecitura deste trabalho foram produzidos dois recursos audiovisuais, o relatório fotográfico e vídeos, com a intenção de que estes recursos pudessem trazer uma representação da realidade e subsidiar reflexões e discussões sobre o processo de reciclagem, sobre as condições destes associados e também acerca do material da coleta seletiva. Todas as fotos e vídeos foram anteriormente autorizados pelos sujeitos antes de serem compartilhadas em rede. Ambos os recursos foram possíveis de serem produzidos, pois os associados estiveram dispostos e disponíveis para filmagem e discussões.

#### **a) Primeiro Produto - Relatório Fotográfico**

O relatório fotográfico foi planejado de forma que pudesse trazer alguns incômodos que enfatizassem situações ou momentos críticos da imersão, situações que fossem capazes de provocar questionamentos e inquietações e também que apresentassem a dinâmica de um depósito de reciclagem e os problemas vivenciados. Todas essas fotografias são capazes de motivar discussões sobre os projetos de Educação Ambiental que tem como princípio norteador os resíduos sólidos e/ou lixo, a reciclagem, entre outros.

Através de fotos do caminhão com o material, deste material despejado, do material disponível no depósito, do rejeito colocado sobre o chão permeável e o local em que se dá esta estocagem, dos fardos separados para serem comercializados, dos catadores separando o material. Enfim, com estas fotos pretende-se captar toda a problemática de uma educação ambiental que atravessa o processo de geração de resíduos, ocasionando vários contratemplos para os catadores associados e que provoca uma demanda para o Poder Público que, por sua vez, também não se compromete em recolher com rejeito com menor espaçamento entre os dias. As fotos foram elaboradas a partir de conversas com os catadores presentes na Associação nos dias da visita.

O primeiro impacto e registro foi ao me deparar com a pilha de rejeito, que é o que chama atenção no primeiro momento. Sendo assim, procurei saber sobre a problemática com o vice-presidente da Associação. Porque este material está acumulado se é obrigação do DEMLURB retirá-lo periodicamente? Em conversa com Portela, percebe-se que este não tem a intenção de cobrar o recolhimento deste material, pois acredita que a Prefeitura lhe presta um favor na entrega da coleta seletiva diária. Esta situação preocupou-me, ele diz “[...] *as vezes tem*

*dificuldade de coletar o material domiciliar aqui em Juiz de Fora, sabe como é".* Aparentemente ele não quer se indispor com o Departamento. Porém, o acúmulo de rejeito, conforme podemos ver na figura 2, ocorre porque a preferência é dos grandes geradores que pagam pelo recolhimento. Situação geradora de revolta e inquietação.



**Figura 2 - Pilha de rejeito**

Outra situação percebida e registrada no primeiro momento diz respeito ao material coletado na rua por alguns associados. Estes também ficam em solo permeável e local descoberto, conforme figura 3. Porém, caso molhe, perde seu valor de venda. Este material pertence a aqueles que coletaram na rua, é pesado e pago a parte ao catador.



**Figura 3 - Material coletado na rua**

Catadora a 30 anos, Dona Vera, mãe de Portela, está desde o início na ASCAJUF, conhece todo o histórico da Associação. Foram muito agradáveis nossas horas de conversa. Para aumentar a renda, Dona Vera, estaciona o carrinho na Rua Santo Antônio e os comerciantes do entorno, já acostumados, levam para o carrinho de coleta os materiais recicláveis. No final do dia seu filho mais novo retira o carrinho e leva até a ASCAJUF, por ser muito pesado, ela não consegue carregar.

Logo após a busca por informações sobre a qualidade do material que chega pela coleta seletiva. Portela nos apresentou alguns dos materiais, destacou algumas questões sobre os materiais que vem e não são recicláveis. Neste momento, Portela frisou que Juiz de Fora não tem mercado para reciclagem de vidro. Esta situação parece ser algo que o incomoda. Nos outros dias, pude perceber, na coleta seletiva a quantidade garrafas que são enviadas a Associação e são levadas para o aterro pelo DEMLURB, principalmente por ser época de Copa do Mundo, em que o consumo aumenta abruptamente. Com pesar, apontando para o um monte de garrafas, Portela diz: “*É um desperdício*”.

Icecio, associado da ASCAJUF a um ano, por muitos anos foi catador autônomo. Ao comentar sobre a grande pilha de papelão que é separada do restante do material quando o caminhão despeja a coleta, foi solicitado por Portela para dar uma ideia sobre a quantidade de fardos produzidos a partir da pilha de papelão. De acordo com ele, daquela pilha demonstrada na figura 4 são produzidos cerca de quinze fardos. Conforme a Ordem de Compra compartilhada por Portela, um fardo pesa em torno de 270 quilos, o valor de 1 quilo de papelão é 0,42 centavos, assim um fardo é vendido a R\$ 113,00, aproximadamente. Com apenas uma prensa, o processo é bastante lento.



**Figura 4 - Pilha de papelão para ser prensado**

O prensista, que hoje ainda não é associado, está na Associação a cinco meses. Conforme Portela, será associado na próxima Assembleia. Neste momento, também destacou a intenção de sair da vice-presidência da ASCAJUF.

Pontuei a Portela e Dona Vera que a pilha de material estava muito grande, conforme é possível verificar na figura 4. Me preocupava como seria o depositar do caminhão no dia seguinte devido à falta de espaço. De acordo com eles, se for necessário, passam a noite separando para que possa diminuir. Mas geralmente, há uma dedicação maior na separação às vésperas da venda.

Com estas imagens é possível apresentar como ocorre o fluxo de produção na associação, destacando imagens que apresente o depósito e suas características.



**Figura 2 - Pilha de material da coleta seletiva**

### **b) Segundo Produto - Vídeos**

Os vídeos foram previamente pensados e projetados. Pretendia-se retratar a chegada da coleta seletiva, os resíduos não recicláveis, ou que constituíssem perigo para os associados, assim como aqueles que a Associação não pode receber por não estar adequada para recebê-los, como materiais eletrônicos, embalagens de produtos químicos, entre outros. Essas informações compuseram o primeiro vídeo elaborado na imersão. Com alguns recortes, o vídeo final apresenta momentos críticos do primeiro de dia que presenciei a coleta seletiva.

Neste dia cheguei a Associação as 11h00min, e o caminhão da coleta passou somente

as 12h30min, como geralmente é de costume. Durante esse período Portela caminhou comigo pela Associação, apresentou os espaços e as circunstâncias. Aproveitei a disponibilidade e o tempo dele e fizemos o vídeo sobre o material que chega pela coleta seletiva. Ao falar sobre seu trabalho aparentemente ele se sente valorizado, respeitado.

O segundo vídeo, por sua vez, foi elaborado segundo uma pauta criada anteriormente tendo como norte os objetivos do trabalho.

Previamente foi pensado em um vídeo com um dos associados mostrando os materiais, ressaltando a qualidade do material da coleta, a possibilidade de quantificar essa situação, apresentando as perspectivas futuras. Outro roteiro foi pensado com um destaque para o rejeito, ressaltando o material em maior quantidade, o acúmulo presente na Associação e uma mensagem final.

Portela destacou os resíduos que chegam a Associação e não são recicláveis, dentre estes pontuou e ressaltou que Juiz de Fora não tem empresa recolhadora e recicladora de vidro. O que se apresenta como mais uma contradição do discurso sobre a sustentabilidade da reciclagem.

Portela diz que *“30% é rejeito e 70% é reciclável”*. A respeito dos materiais não recicláveis, ele destaca: *“Acrílico, tem uns Pet branco que vem também como descartáveis, o isopor, o papel de biscoito laminado e o vidro que Juiz de Fora não tem mercado”*. Foi feito um registro fotográfico do material do rejeito, figura 5.



**Figura 5 - Pilha de material da coleta seletiva**

Porém, Rose, funcionária do DEMLURB, comentou que na sede da Usina há separação dos vidros para comercialização. Percebe-se que não há comunicação entre as sedes, se

tornaram duas associações unidas apenas por terem a mesma razão social e cadastro nacional de pessoa jurídica. De acordo com Portela é inviável juntar os vidros, geralmente garrafas, na ASCAJUF do centro (como muitos a chamam) devido à falta de espaço na área da Associação.

Ao buscar informações de como o processo de mobilização e conscientização é realizado, Rose, funcionária do DEMLURB, membro da equipe de educação ambiental diz que: “*O DEMLURB faz o trabalho de divulgação com folder de porta a porta*”. E Portela completa que,

*“Minha não, acho que da Prefeitura creio que sim. Eu não sei se eles sabem que esse material que é coletado vem para cá. Se essas pessoas desses condomínios, desses bairros sabe que gera emprego, gera renda. Não sei qual trabalho é feito. Sei que eu não participo deste trabalho”.*

Esta iniciativa do DEMLURB em nada contribui para contextualizar, discutir, colocar em pauta as questões pertinentes a reciclagem, tampouco desperta para uma Educação Ambiental Emancipatória. É preciso inserir o debate desde o consumo exacerbado até o comprometimento com consumo consciente e destinação adequada dos resíduos gerados nas residências. A Educação Ambiental não deve e não pode ficar apenas a cargo das escolas, é importante que o órgão público se empenhe em projetos em espaços não formais, nos bairros, nas associações de bairro, enfim, em todos os espaços de comunicação.

Cerca de dois catadores realizam uma separação bruta entre o papelão e os demais materiais. Há no pátio do depósito duas grandes pilhas, uma de papelão e uma dos demais materiais, conforme figura 6. É neste material despejado no piso do depósito que encontramos as reflexões que embasam este trabalho, pois retratam e refletem o atual comportamento da sociedade. Todo o dinheiro obtido com a venda do material reciclável que chega pela coleta seletiva é compartilhado entre os associados e não associados que trabalham na ASCAJUF, no bairro Santa Tereza. As despesas que por ventura vierem a ter ficam disponibilizadas no escritório, na parte de cima do depósito, em um mural. De acordo com Portela, na ASCAJUF funciona assim

*“Aqui a gente tem uma despesinha de água, luz, telefone, manutenção de maquinário, faxineira que vai de vez enquanto, quando tá muito tarefaado, tem o prensista. Vou associar ele na próxima assembleia. Do pessoal que cata na rua, tiro um pouco do deles também que é*



*separado. Eles trabalham aqui e tem disposição para ir para rua, porque se for pensar aqui dá pouco. Tudo fica no mural ali em cima”.*



**Figura 6 - Pilha de material da coleta seletiva**

Para Portela a sociedade encara a Associação como lixão e é nesta situação que está seu grande receio em relação ao rejeito. Acredita que pode vir a ser denunciado e receber auto infração por conta do rejeito acumulado, porém a retirada deste material é obrigação da própria Prefeitura.

De acordo com Dona Vera, Juiz de Fora tem tudo para dar certo, basta vontade política e união entre todos nós. De acordo com ela é preciso que a prefeitura, a sociedade e os catadores trabalhem juntos para buscarem novos caminhos e traçar uma Juiz de Fora mais justa, mas solidária. Apontando para os rejeitos ela enfatiza:

*“Se nós fossemos para rua e divulgasse nosso trabalho eu garanto para você não tinha esse tanto de lixo que tem aqui. Isso aqui tudo é que não tem proveito para nós, se não tem proveito para nós, não tem proveito para ninguém. Vai tudo para o aterro. Se abrissem um espacinho para nós e nós entrasse dentro, que que aconteceria? Seria um serviço muito bom, porque Juiz de Fora é a melhor cidade que se tem para viver, o lixo é maravilhoso!”.*

Ao ser questionada sobre mudanças com o desenvolvimento do Plano Municipal de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos, ela acredita em mudanças, mas ressalta:

*“Vai mudar, mas presta atenção de vocês procurarem o verdadeiro catador de papel. [...] bem poucos são poucos catadores de papel, que conhece, que vai à luta, que paga suas contas com aquele dinheiro, que depende daquele dinheiro para sobreviver para ter auto estima e dignidade. Então é difícil, mas não impossível”. E completa dizendo que, “A prefeitura não é errada de não catar todos os lixos, porque também não dá conta. O que tem que fazer é unir com os catadores, aqueles que querem trabalhar, aqueles conhecem a falta que faz o material, [...] é importante se unir, unir catador, sociedade e prefeitura. Sozinho não se faz nada, é preciso abrir espaços”.*

Destaca-se materiais contaminados, como embalagens de tinta, sacos de cimento, entre outros; Eecio em meio ao material, já no piso da Associação, suscetível a acidentes quando Portela, inconscientemente, joga os materiais por cima de sua cabeça, ou lhe entrega peça cortante de aparelhos eletroeletrônicos, entre outros momentos. Neste vídeo fica claro o descuido e o perigo a acidentes a estes ficam submetidos.

Posteriormente, devido a extensão dos vídeos e os momentos que não haveria contribuição para o trabalho, estes foram editados de forma a ressaltar o que se pretendia no roteiro e para o objetivo proposto.

## **5. EDUCABILIDADES POSSÍVEIS DOS RECURSOS AUDIOVISUAIS PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Em uma sociedade capitalista, que preza pelo consumo em massa, vivemos momentos de muitos desafios no que consiste, não somente, ao gerenciamento dos resíduos sólidos, mas também a avanços necessários a educação ambiental no âmbito escolar.

Até os dias de hoje a educação ambiental no que consiste aos resíduos sólidos vem sendo trabalhada sob o ponto de vista utilitarista, focada no reaproveitamento de materiais para produção de outros materiais que serão, ora ou outra, descartáveis. Ou ainda, vista a partir de uma visão mecânica, na separação dos materiais para reciclagem, sem nenhum cunho de criticidade.

A sustentabilidade está polarizada no tripé que se delinea como ecologicamente correto, economicamente viável e socialmente justo e, é neste contexto, que a tão difundida reciclagem rompe com o discurso da sustentabilidade. No atual contexto socioeconômico, os catadores sobrevivem insustentavelmente desta tão divulgada sustentabilidade. Estes sujeitos carregam nas mãos, dias e noites adentro, por ruas e quarteirões, o peso das consequências de

um discurso que se alastrou por todo o mundo e que, em termos práticos, não é possível enxergá-lo ou reconhecê-lo. A situação de vida e de trabalho desses cidadãos desmitifica todas as possibilidades de uma futura geração que possa, em plenas condições, usufruir dos recursos existentes.

De acordo com Layrargues (2002), a prática ambiental que hoje se materializa nas instituições escolares está focada na mudança comportamental da técnica da disposição domiciliar do lixo, e não na reflexão de mudança dos valores culturais que sustentam o estilo de produção e consumo da sociedade moderna. Sobre esse processo, Calderoni (2003) comenta que é imprescindível proporcionar, não só na escola, mas em qualquer âmbito de ensino ou de divulgação de conhecimentos, uma revisão dos hábitos de consumo. Rossignoli (2016, p. 36) por sua vez, confirma que “[...] todos nós reagimos positivamente a projetos de separação dos resíduos sólidos, porém essa prática individual geralmente não prossegue além de uns poucos dias ou semanas, não há estímulo à continuidade pois não há mudança de comportamento”.

Nessa mesma perspectiva, Quintas (2004, p. 124) afirma que mudanças individuais não contribuem para a sustentabilidade. Essa é uma visão “acrítica e ingênua da problemática ambiental” que apenas contribui para a realização de uma “prática pedagógica prescritiva e reprodutiva”, sem garantir a superação dos problemas ambientais. Para Rodrigues (2008), a prática desse tipo de educação reduz a questão ambiental a uma visão unilateral, fragmentando a realidade e explicando sua totalidade através das partes, o que ocasiona uma despolitização e alienação em relação às questões ambientais.

A atual configuração da realidade nos mostra que a forma com que esse assunto vem sendo desenvolvido não tem contribuído para mudanças, para transformações, para uma nova visão de mundo. Um mundo mais justo, mais igualitário, mais solidário. Acredito no potencial da Educação Ambiental Emancipatória, nos moldes da Educação dialógica proposta por Paulo Freire, e confio na sua potencialidade em romper com as mazelas deste sistema que oprime, aliena e condena muitos em detrimento de poucos. Para Carvalho (2004) é na relação estabelecida entre o indivíduo e a sociedade, na preocupação com o outro, no compromisso assumido com o mundo que se consegue ver o todo.

Para Loureiro (2012), a educação tem um enorme potencial para promoção da sustentabilidade, pois, sem ela, não há transformação social. Uma das polêmicas dos ideais da sustentabilidade na educação tem a ver com os fins que ela assume, dentre os quais destacam-

se a contribuição para a formação do ser, do pensar o mundo, do refletir a respeito da existência, de atuar na realidade e agir politicamente.

Nesse sentido, os recursos audiovisuais produzidos a partir da realidade vivenciada favorece uma visão holística da vida e de sua complexidade, permitindo avaliar e julgar verdades e mentiras que se escondem por trás dos noticiários, das informações veiculadas pela mídia que muitas vezes chegam até nós fragmentadas, previamente selecionadas e censuradas.

O conhecimento da realidade facilita o engajamento na resolução dos problemas que se apresenta. Sobre a importância da realidade com os meios de comunicação Dowbor (1996, p. 56) afirma

*É no nível da administração local que a participação popular e a tão necessária democratização nos nossos países é efetivamente possível, ou pode progredir com maior rapidez. Em consequência, é na ampliação da capacidade de trabalho dos municípios e das comunidades que reside grande parte da modernização geral dos governos dos países em desenvolvimento. Finalmente, urge trabalhar as novas formas de informação e de comunicação que correspondem a estas necessidades.*

Uma educação que se deseja por emancipadora tem como princípio a contextualização e conhecimento da realidade vivida e a possibilidade de agir sobre esta de maneira coletiva.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tudo que foi vivenciado e experienciado, no decorrer de um ano e finalizando, agora na aplicação dos conhecimentos em uma Associação de Catadores me faz lançar novos olhares para a Educação Ambiental, no âmbito da educação formal e, em todos os outros espaços em que politicamente nos fazemos sujeitos. Todo este processo contribuiu sobremaneira para minha formação enquanto professora pesquisadora.

Buscar informações, recorrer a referenciais teóricos, separar e editar os recursos - tudo isso permitiu uma aproximação intensa com a realidade e uma ressignificação de conhecimentos e preconceitos antes existentes.

Movida por esperança, acredito em tudo que foi discutido e desenhado neste trabalho. As produções e edições foram elaboradas no desejo de que possam de fato gerar mobilização e iniciativas em prol de mudanças e transformações. Sendo assim, acredito que os recursos audiovisuais podem constituir em um grande aliado para a Educação Ambiental Emancipatória no que diz respeito aos resíduos sólidos no município de Juiz de Fora, pois

permitirá superar a prática reducionista de abordagem deste tema, gerando a transformação do pensamento e do comportamento, à medida que conduzirá a uma reflexão sobre os valores culturais da sociedade industrial, do sistema capitalista e dos aspectos políticos e econômicos da questão do lixo.

Instigada por sonhos e desejos de novos tempos fica agora intenções futuras para mudanças e transformações. O caminho que se apresenta neste momento é o mapeamento das instituições formais de ensino presentes nas rotas definidas pelo DEMLURB e o desenvolvimento de projetos que envolvam alunos, catadores e suas realidades.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, I. F.; CASTILHO JUNIOR, A. B.; PIRES, T. S. L. A organização em rede dos catadores de materiais recicláveis na cadeia produtiva reversa de pós-consumo da região da grande Florianópolis: uma alternativa de agregação de valor. **Gestão e Produção**, v. 16, n. 1, p. 15-24, 2009.

BRASIL. **Educação na diversidade**: o que fazem as escolas que dizem que fazem educação ambiental. TRAJBER, R.; MENDONÇA, P. R. (orgs.). Brasília: SECAD, 2007. 262 p. Coleção Educação para Todos, Série Avaliação n. 6, v. 23.

CALDERONI, S. **Os bilhões perdidos no lixo**. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP, 2003.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. 22 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Editora Cortez, 2004.

DOWBOR, Ladislau. Espaço local, atores sociais e comunicação. In: **Comunicação e Meio Ambiente**, São Bernardo do Campo, UEMESP, 1996, Coleção Intercom nº 5.

LAYRARGUES, P. P.. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. In: LOUREIRO, F.; LAYRARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs.). **Educação ambiental**: repensando o espaço da cidadania. São Paulo: Cortez, 2002. p. 179-220.

LOUREIRO, D. F. B. **Sustentabilidade e educação**: um olhar da ecologia política. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 128p.

RODRIGUES, A. C.. **Educação Ambiental e o Fazer Interdisciplinar na Escola**. Araraquara: Junqueira&Marim, 2008.

QUINTAS, J. S. Educação no processo de gestão ambiental: uma proposta de educação ambiental transformadora e emancipatória. In: BRASIL, Ministério do Meio Ambiente. **Identities da Educação Ambiental Brasileira**. Brasília: DEA/MMA, 2004, p. 113-140.

## ENDEREÇO DO SITE:

<https://sites.google.com/view/midiasemeducao/p%C3%A1gina-inicial>